AUTORES.COM.BR

andrepomponet

Crônicas Postado em Mar 17, 2021

A filosofia de Espinosa e o céu noturno

Para escapar das incessantes notícias ruins, tenho buscado refúgio no céu. Não, não me converti a nenhuma fé barulhenta que pulula pelas esquinas, com sua gritaria desenfreada, seus deuses iracundos, seus acenos de prosperidade material. Dedico-me a algo mais bucólico: apreciar a noite feirense, com seus fiapos de nuvens, suas estrelas cintilantes, seu silêncio intuído, sua imensidão inimaginável. Nesses longos – mas profundamente prazerosos – serões, não há como não pensar na energia criadora do universo. É uma trilha que conduz a Deus mais que às religiões.

Nesses momentos sempre penso na filosofia de Baruch de Espinosa. Conheci-a garoto – 19 anos – quase por acaso: ganhei um daqueles exemplares da série “Os Pensadores” com boa parte da produção do pensador holandês. Familiares estavam se mudando e, na casa nova, não havia espaço para aquele exemplar que já estava esquecido numa estante. Enfronhei-me, então, na leitura do “Tratado de Correção do Intelecto”, do “Tratado Político” e, sobretudo, da “Ética”.

Com o desassombro típico dos iniciantes, avancei na leitura complexa e firmei a partir dali a noção de Deus – do Universo, no fundo, que se confundem em Espinosa – que me acompanha até hoje. Muitos definem Espinosa como panteísta. Que seja. O fato é que aquela noção racional de Deus é completamente incompatível com o que se vê por aí: um deus iracundo, colérico, caprichoso, temível. Esses atributos – sentimentos – são uma reação a algo que é externo. Existe algo estranho – externo – a Deus? Não, segundo Espinosa. Daí que esse deus que se vê aí não passa de uma patética projeção humana.

Espinosa era judeu e acabou excomungado por sua comunidade. Suas ideias, de fato, são pouco efetivas para quem utiliza Deus para projetos de poder. Viveu uma vida simples e reclusa em Amsterdam e Haia, no século XVII, extraindo seu sustento do polimento de lentes. Trezentos anos depois, sua filosofia inspirou Albert Einstein na elaboração da teoria da relatividade. Quem dizia isso era o próprio Einstein, que deu forma matemática às formulações do pensador holandês.

pedestal, num intervalo de trabalho. Minha alegria ruidosa afastou-os, conforme desejava. Pude fazer a foto que guardo como recordação.

Conservo, até hoje, o mesmo exemplar que li. Está repleto de anotações a lápis – julgo que fiz uma leitura até interessante para quem não tinha nenhuma bagagem intelectual – e um pouco desgastado pelo manuseio contínuo. Essas leituras alimentaram muitos papos com amigos de imprensa ao longo dos anos. Obviamente, leitura sem rigor acadêmico, de quem despertou em si uma centelha de consciência com implicações transcendentes, conforme Espinosa propõe, no fundo.

É noite de sábado e escrevo com os olhos na capa do livro, lembrando as distantes manhãs ensolaradas em que me debruçava sobre ele. E constato que a filosofia de Espinosa me forneceu uma perspectiva de razão e de fé que produziu um equilíbrio que, hoje, ajuda-me a ir atravessando esses tempos tormentosos...

Curtir 0 Compartilhar 0 Salvar

Anterior Próximo

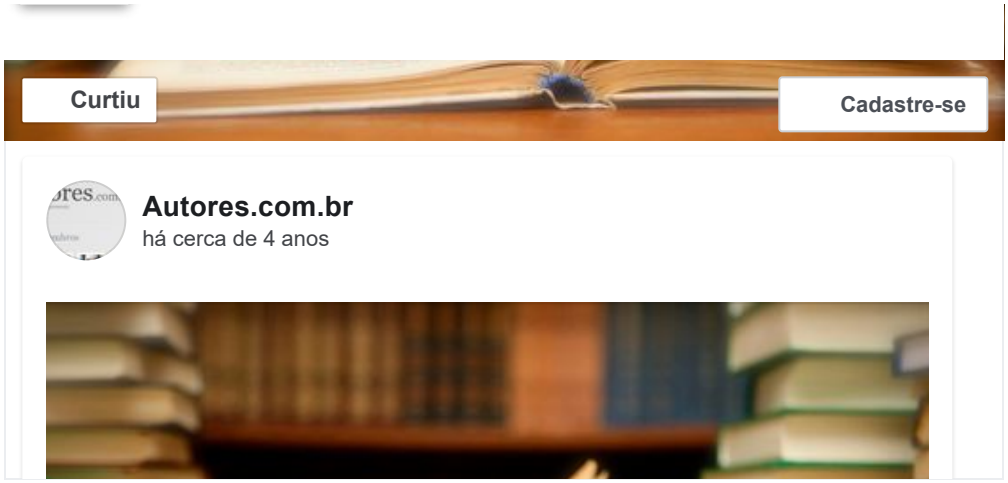
Atualizado em: Seg 22 Mar 2021

Deixe seu comentário

É preciso estar "logado".

CURTIR NO FACEBOOK

AUTORES.COM.BR



Autores.com.br
Curitiba - PR

webmaster@number1.com.br

AUTORES.COM.BR

WhatsApp (41) 99115-5222

desenvolvido por number1.com.br